



O
MISTÉRIO
DO *lago*

EDITORA
EVE

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 📞 | Claro (19) 99317-2800 | Tim (19) 98335-4094
vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

Pedro Santiago
pelo espírito Dizzi Akibah

O MISTÉRIO DO LAGO

Romance mediúnico

Capivari-SP
- 2018 -

© 2018 Pedro Santiago

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - maio/2018 - 6.000 exemplares

CAPA | André Stenico
DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo
REVISÃO | Leticia Camargo

Esta edição foi impressa na gráfica da Editora EME, em Capivari-SP, sendo tiradas três mil cópias, todas em formato fechado 160x225mm e com mancha de texto de 110x170mm. O texto foi composto em fonte Book Antiqua e os títulos em Trajan Pro.

Ficha catalográfica

Dizzi Akibah, (Espírito)

O mistério do lago | pelo espírito Dizzi Akibah;
[psicografado por] Pedro Santiago - 1ª ed. maio 2018 - Capivari-
SP: Editora EME.

336 p.

ISBN 978-85-9544-056-2

1. Romance mediúnic. 2. Múltiplas reencarnações. 3. Comunicação com os espíritos. 4. Cura espiritual.
I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO



PALAVRAS DO AUTOR ESPIRITUAL.....	7
Capítulo 01	
DESPERTANDO OS SENTIDOS.....	9
Capítulo 02	
RELEMBRANDO JESUS.....	21
Capítulo 03	
ANTE O PADRE	37
Capítulo 04	
REVELAÇÕES DO PLANO ESPIRITUAL.....	45
Capitulo 05	
REAÇÃO INTENCIONAL	55
Capítulo 06	
SURPREENDENTE ATITUDE.....	63
Capítulo 07	
NOVA AMIZADE, NOVOS RUMOS.....	81
Capítulo 08	
ROMPENDO BARREIRAS.....	101
Capítulo 09	
UMA AÇÃO FRATERNAL.....	119

Capítulo 10	
CUMPRINDO A PROMESSA	125
Capítulo 11	
DO SONHO À REALIDADE	141
Capítulo 12	
REVELAÇÃO EMOCIONANTE	161
Capítulo 13	
CONSTRUINDO A PAZ	173
Capítulo 14	
CONTATANDO O INVISÍVEL	195
Capítulo 15	
CONVERGINDO INTERESSES	207
Capítulo 16	
NEM SANTA, NEM MILAGRES	219
Capítulo 17	
UMA RESPOSTA INUSITADA	233
Capítulo 18	
FALSAS ACUSAÇÕES	243
Capítulo 19	
VENCENDO COM A VERDADE	251
Capítulo 20	
DE VOLTA AO ACONCHEGO	269
Capítulo 21	
APERTANDO OS LAÇOS	281
Capítulo 22	
A VISITA INESPERADA	297
Capítulo 23	
ENCONTRO ENTRE DOIS MUNDOS	305
Capítulo 24	
A RECONCILIAÇÃO	321

PALAVRAS DO AUTOR ESPIRITUAL



DENTRE OS TERMOS mais citados em todas as nações do mundo, destaca-se a palavra paz. Todavia, o seu sentido é, ainda, quase sempre ignorado por grande parte da humanidade, já que, a sua busca requer condições correlacionadas com o sentido real dado por Jesus, o divino mestre, porquanto, não se trata de uma conquista fora de si, como muitos ainda pensam, mas de um cultivo intrínseco, cujos indícios, podem ser encontrados, como primeiro passo a ser dado, nos principais mandamentos divinos: *“amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*, conforme Jesus. A partir daí, deve-se redobrar a atenção, usando como recurso a recomendação de Jesus, *orai e vigiai*, para evitar os tropeços do viajor desatento, ante os obstáculos do caminho, pois nas margens onde há flores, há também espinhos. Se há palavras mansas, suaves e agradáveis como as flores, há, da mesma forma, palavras pontiagudas, que ferem, ofendem, magoam e amarguram. Estas, em vez de guardadas no íntimo, pelo caminhante invigilante, devem ser extirpadas pela terapia do perdão sob o impulso do amor, pois sem perdão não há paz, uma vez que, ela se estabelece na consciência, quando esta se encontra tranquila, pelos deveres morais cumpridos.

A palavra paz, apenas escrita num papel ou pronunciada sem sentimento – solta ao vento – não se identifica com a condição íntima, de quem a procura com base nos ensinamentos de Jesus, mesmo quando através do suor vertido ou da lágrima derramada. Contanto que, no final, esta condição desperte as potencialidades interiores e promova o cultivo da paz, que se constitui um dos mais importantes patrimônios do espírito.

Não há, neste simples comentário, qualquer intenção ou objetivo de definir, acrescentar, modificar ou renovar o conceito da paz, pois, este já foi estabelecido pelo Divino Doador da vida, na pura essência da verdade e esclarecido por Jesus, a luz do mundo. Mas sim, fazer uma simples abordagem da história, que compõe este novo romance, mesmo porque, o seu foco principal, além da caridade e do perdão, é a paz, componente indispensável da tão sonhada felicidade.

No decorrer da leitura, além de constatações do perfeito funcionamento da lei de causa e efeito e da terapia do perdão, no ponto de convergência das ações dos principais personagens que vivenciaram os acontecimentos da presente história, um encontro cheio de beleza, surpresas e emoções entre dois mundos – o material e o espiritual – proporcionará, certamente, a quem se propor à leitura desta obra, momentos de paz, alegria e encantamento.

Com sentimento de gratidão ao divino Mestre de todos nós, por mais uma oportunidade de trabalho e o desejo de que o conteúdo deste novo romance preencha as suas expectativas, passamos as suas mãos, caros leitores, *O mistério do lago*.

Boa leitura, bom proveito e que Jesus abençoe as nossas melhores intenções.

Salvador, 25/08/2017

Dizzi Akibah

DESPERTANDO OS SENTIDOS



A vontade firme desperta e aciona a inteligência.

Dizzi Akibah

– VOU TE PEGAR!

Era Ceci, uma menina de seis anos de idade, correndo entre flores silvestres, tentando pegar uma borboleta. Depois de capturá-la, ela chegou em frente à avó, Zinnia e perguntou, mostrando o inseto preso pelas asas:

– Vovó, esta borboleta tem mãe e pai?

– Para nascer, todo ser vivo, Ceci, precisa ter mãe e pai.

– E quem é a mãe desta borboleta? – perguntou, suspendendo a mão até onde o braço alcançava, para mostrá-la.

– É outra borboleta. Ela põe os ovinhos numa folha...

– Eu também nasci de um ovinho?

– Oh, não! Gente nasce diferente das borboletas e de muitos outros bichinhos.

– E por que, vovó, eu não tenho mãe e nem pai?

“Oh Deus, eu não queria, por enquanto, responder esta

pergunta!” – depois de falar para si mesma, Zinnia voltou-se para a neta, que aguardava a resposta e disse-lhe:

– Ceci, tudo que tem vida, nasce, cresce e morre. A sua mãe, infelizmente, morreu!

– Por que ela morreu?

– Ela se afogou na água.

– E o meu pai, também se afogou?

– Eu não sei... Não o conheci e nem sei quem é ele. Agora chega! Estas perguntas acabam me deixando muito triste!

Antes de saírem do local, Ceci soltou a borboleta, falando:

– Eu não tenho mãe, mas você tem. Vá embora para sua mãe não chorar, pensando que você morreu afogada na água.

Se aproximando da casa onde residiam, a menina surpreendeu Zinnia, com mais uma pergunta:

– Por que o vovô Alejandro, não sorri e nem conversa comigo?

Zinnia já havia percebido que a neta observava com muito interesse tudo que ocorria a sua volta, mas não passava pela sua imaginação, que Ceci percebesse o comportamento do avô Alejandro que, realmente, nunca a havia segurado nos braços ou dirigido-lhe qualquer palavra, desde quando assumiram a responsabilidade de criá-la. Conservando a fisionomia carancuda, demonstrava a introversão que mantinha, como se houvesse se fechado para a vida. Depois de passar o efeito da surpresa, vendo Ceci olhando para ela na expectativa da resposta, Zinnia disse-lhe:

– Seu avô está triste, porque sente saudade da filha – falou tentando encerrar o assunto, mas, Ceci, muito esperta, voltou a perguntar:

– Ele sente saudade porque gostava dela?

– Sim, é por isso mesmo.

– E por que ele não gosta de mim?

- Ele gosta de você Ceci, mas do jeito dele.

Vendo Alejandro sentado numa cadeira, num canto da varanda onde costumava se isolar, pararam a conversa, já que, o mínimo ruído era para ele, motivo de irritação. Ceci, que levava alguns ramalhetes de flores para enfeitar o seu quarto, separou um deles, se aproximou do avô e, embora receosa, estendeu a mão, falando:

- Toma vovô, estas flores, para passar a sua tristeza!

Alejandro recebeu o ramalhete, ensaiou um sorriso sem graça e disse, aproximando as flores do nariz, para cheirá-las:

- Elas são bonitas, mas você é muito mais do que elas!

Zinnia, que observava à parte, falou para si mesma:

- Só mesmo Ceci faria isso, que até parece milagre!

Desde que veio do Paraguai, país de origem, o casal vivia com a neta num sítio, na zona rural, há aproximadamente três quilômetros de uma cidade de pequeno porte, no Estado de Goiás. A vida simples no campo poderia contribuir para amenizar a inconformação causada pela morte da filha que, na época, era ainda muito jovem. Mas a saudade e a tristeza continuavam vivas no íntimo, impossibilitando qualquer indício de alegria. Zinnia procurava amenizar os seus sentimentos em relação ao fato nos cuidados para com a neta Ceci, e durante as orações que fazia, quando ia à igreja, já que era seguidora do catolicismo. Alejandro, no entanto, demonstrava na fisionomia, sinais de tristeza e de amargura. Ainda assim, de quando em vez, chamava-lhe a atenção as atitudes, para ele, estranhas de Ceci, como a que se segue:

Depois de pedir um lápis a avó e uma folha de papel, Ceci começou a fazer traços, tentando desenhar uma casa, móveis como poltrona, cadeiras, mesa... E logo que deu por terminado, se aproximou de Zinnia e disse:

- Esta casa que eu moro, não é a minha. A minha é esta

aqui – apontou o desenho, aparentemente convicta do que falava.

– Mas isto é só um desenho...

– Não, vovó! No papel é desenho, mas a minha casa é grande, com as paredes brancas...

Fez uma pausa enquanto se sentava no chão da varanda e em seguida, fechou os olhos e voltou a falar.

– Na frente da minha casa, tem muita água... Uma praia muito grande, onde minha mãe e o meu pai me levavam, mas eu tinha muito medo do mar. Eu dormia ouvindo a zoadá da água e a minha mãe cantando.

Parou por instantes de falar e disse a seguir:

– Eu não quero ficar aqui por que esta não é a minha casa! Vovó Zinnia não é a minha avó! Vovô Alejandro, não sei quem é! Eu quero ir para a minha casa! Quero mamãe e papai para me levar na praia... Quero “binto”, meu cachorrinho – falou já chorando.

– Ceci, pare com isso! Sua casa, meu amorzinho, é aqui, onde moramos!

Ela se levantou e sem nada dizer, foi direto para o seu quarto. Quando Zinnia ia saindo para acompanhá-la, Alejandro falou rústico:

– Como se não bastasse, a minha única neta apresenta os primeiros sinais de insanidade mental. A culpa é toda sua Zinnia, pois fica o tempo todo mimando-a demasiadamente! Umás boas palmadas botaria a cabeça dela no lugar!

– Tente Alejandro, pôr as mãos nesta criança e verá o que lhe pode ocorrer! Não ouse!

Eles não sabiam que o espírito completa a sua reencarnação, normalmente, aos sete anos de idade, não sendo isso regra geral, pois pode haver, em alguns casos, pequenas variações, para mais ou para menos. Até que isso ocorra, ele pode re-

lembrar o que lhe tenha marcado com mais profundidade, na existência anterior. Ceci tinha motivos fortes para se lembrar dos pais que tivera na reencarnação passada, uma vez que, na atual, vivia com os avós, mas registrava em seu íntimo a falta que sentia dos pais, embora não soubesse se expressar. Como ocorre com muitos espíritos em período de reencarnação, Ceci vivia entre o presente e o passado. Mas logo que completou sete anos de idade, as lembranças do passado foram superadas pelo começo do desenvolvimento da individualidade e da convivência com crianças da mesma idade na escola onde começou a estudar. Percebendo que a neta não mais falara de um passado, que ela não conseguia entender porque não acreditava na reencarnação, Zinnia sentiu-se aliviada. Ela sequer imaginava numa nova fase que a deixaria, certamente, sem saídas, porquanto, além de demonstrar admirável inteligência para sua idade, Ceci era também por demais minuciosa. Já dava para perceber que a sua tendência em termos de conhecimento, prendia-se muito à verdade sem rodeios, o que passou a impressionar a professora. Tão logo chegou à escola, vendo um colega deficiente físico que usava duas muletas para caminhar, fez a seguinte pergunta à professora:

- Minha avó diz que foi Deus quem criou todos nós.
- Sim, a sua avó está certa.
- Deus é bom?
- É tão bom, que além de ter criado, ama a todos nós.
- E por que então, ele criou Natanael (se referia ao colega deficiente físico) assim com a perna curta e o pé para trás?
- Ceci, este assunto não faz parte da nossa aula. Talvez quando você crescer mais, encontre alguém com bastante sabedoria, para explicá-lo.

A professora não respondeu a pergunta porque não tinha conhecimento de que, se alguém já traz desde o nascimento

qualquer tipo de deficiência, é natural que se entenda como uma ação da justiça divina, levando o infrator das leis imutáveis, a experimentar os efeitos das causas, por ele mesmo perpetradas, com a finalidade não apenas da quitação do débito contraído, mas, sobretudo, de educá-lo moralmente. Lembremos da afirmação de Jesus: *“A cada um segundo as suas obras”*.



TODOS OS DIAS, Zinnia levava e buscava Ceci na escola, o que fazia usando uma charrete puxada por um cavalo. Durante a trajetória Ceci não parava de falar e a maioria das perguntas ficava sem respostas, porque Zinnia não sabia responder e tantas outras, por ela não achar conveniente tocar em assuntos que, no seu entendimento, não eram próprios para uma criança naquela faixa etária.

Na escola, Ceci se afeiçãoou a um menino chamado Andres, coincidentemente também descendente de uma família paraguaia, que se erradicara há alguns anos naquela cidade. Assim como Ceci, Andres convivia com a avó materna, pois os seus pais se ausentavam quase sempre por causa das constantes viagens a trabalho. Fora da sala de aula, em vez de brincarem como as outras crianças, eles conversavam todo o tempo que dispunham e os assuntos tendiam mais para o lado adulto do que o infantil. Numa dessas conversas, Ceci, que procurava alguém para lhe responder as perguntas que fazia a avó e ficavam sem resposta, vendo Andres, se aproximando, foi ao assunto que lhe interessava:

- Quando você faz perguntas a sua avó, ela responde?

- Responde, mas fica muito tempo dando explicação. Eu deixei de perguntar e agora, fico escondido, para escutar o que ela conversa com as pessoas. Um dia, ela estava conversando com a minha mãe, que havia chegado de viagem, dizendo que o povo acha que o Lago Azul, lá no Paraguai é um lugar de assombração.

- Por que de assombração?

- Porque lá morreu uma mulher afogada e a alma aparece por cima da água, amedrontando quem consegue vê-la. Ela disse ainda, que até os pais da mulher que morreu afogada, ficaram com tanto medo, que abandonaram o lugar onde moravam, e vieram para o Brasil.

- Sua avó disse o nome da mulher?

- Não, Ceci, esqueça! Essa história é feia e mete medo!

- Eu queria saber o nome, para ver se a minha avó Zinnia a conheceu. Mas essa história é mesmo medonha!

Embora assustada, Ceci se interessou pelo assunto e sondou o amiguinho:

- Se eu perguntar alguma coisa, você acha que a sua avó responde?

- Como eu disse: responde, mas explica muito! Fala, fala, fala...

Logo que a aula terminou, Zinnia já se encontrava na charrete em frente à escola, esperando Ceci. Diferente dos outros dias, que conversava sem parar com a avó, ela subiu no transporte calada e assim permaneceu quase toda a viagem. A conversa de Andres levou-a a se lembrar de que a avó Zinnia lhe dissera que a sua mãe havia morrido afogada; que antes moravam no Paraguai e que, quando saíram de lá, ela era ainda um bebê e passou a cogitar: será que a minha mãe, depois que morreu virou um fantasma? Esse pensamento deixou-a triste e sem vontade de conversar.

Zinnia percebeu, mas, em vez de perguntar o porquê do

silêncio, preferiu continuar observando-a. Mas já chegando a casa, Ceci interrompeu o silêncio com a seguinte pergunta:

- Vovó, você e vovô Alejandro saíram do Paraguai por que estavam com medo?

- Medo... Medo de quê, Ceci?

- Da mulher que morreu no lago, virou fantasma e ficou fazendo assombração.

Surpreendida com a pergunta, Zinnia puxou a rédea do cavalo, forçando-o a parar a charrete e depois de ficar por instantes olhando na direção da neta, explicou:

- Isso nunca existiu, Ceci! O povo gosta de falar dessas coisas, somente para meter medo. Mas ainda assim, muitos passam a acreditar no inverídico. Mas onde você ouviu essa história mal contada?

- Foi Andres que ouviu a sua avó Salma conversando e me contou. Eles também moravam no Paraguai, mas se mudaram para cá.

Zinnia ficou visivelmente preocupada, sem mais saber o que dizer em resposta à neta, se Ceci voltasse a formular mais perguntas sobre o mesmo assunto. Ainda assim, achava que ela acabaria esquecendo. Entretanto, no dia seguinte, logo que chegou à escola e encontrou Andres, ela foi logo perguntando:

- Você me leva à casa da sua avó Salma?

- Para quê? - perguntou desinteressado.

- Quero conhecê-la. Você me leva lá e depois eu te levo na minha casa para ver o jardim das borboletas. Está certo?

- Eu peço, então, à professora para sair mais cedo. Vou dizer a ela que estou com dor de barriga e que você vai comigo para eu não ir sozinho por que...

- Não, Andres! Você quer enganar a professora com uma mentira?! Deixe que eu peço dizendo a verdade. Se ela não deixar...

Espírito experiente e de boa formação moral, demonstrava o nível do seu caráter, embora, ainda na fase infantil do corpo físico. Logo que foi entrando na casa da avó, Andres falou em bom tom:

- Vovó Salma, trouxe minha amiga da escola para lhe conhecer!

Andres havia chegado há mais tempo no Brasil com os pais e já conseguia falar de modo compreensível o português. Salma, entretanto, por ter chegado recentemente, sentia muita dificuldade para se comunicar e por isso, evitava o contato com as pessoas do lugar, onde passara a viver.

- Ora, ora, Andres! - se expressou em espanhol - como vou conversar com ela, se não sei falar direito o português? - reclamou com o neto.

Mas Ceci respondeu também no idioma espanhol:

- Dona Salma, eu estou compreendendo o que a senhora diz, porque aprendi com minha avó Zinnia. Ela e o meu avô vieram do Paraguai e eu vim com eles, quando era ainda bebê.

- Sabe de que lugar do Paraguai, eles vieram? - perguntou Salma interessada.

- Isso eu não sei. Nunca perguntei.

Sentindo-se à vontade por causa do tratamento gentil de Salma, Ceci foi levando a conversa ao assunto que mais desejava.

- A senhora acredita em alma do outro mundo?

- Por enquanto, já que você é uma criança, posso dizer apenas que a alma existe porque foi criada por Deus. E o outro mundo, que as pessoas falam, é o mundo dos espíritos, que muitos chamam de plano espiritual. Sua mente, durante a infância, não vai conseguir assimilar. Só mais tarde, certamente.

- A senhora pode me dizer se existe fantasma?

- Fantasma seria um espírito ignorante, indisciplinado, brin-

calhão... Sem qualquer compromisso com a responsabilidade dos seus atos, tentando criar pânico a quem conseguisse vê-lo.

- Então, no lago assombrado, lá no Paraguai, o espírito indisciplinado é a mulher que morreu afogada?

- O povo espalhou esse boato, mas eu não acredito que seja, porque a referida mulher, segundo informações, era uma bela pessoa!

- Morreu uma mulher ou mais de uma no lago?

- Que eu saiba, apenas uma! Mas, minha menina, este assunto não é para uma criança da sua idade. Quem te falou sobre isso?

- Foi Andres!

- Bateu com a língua, não foi menino? - reclamou com o neto e continuou falando: - Andres, você não deve tocar neste assunto com ela, nem com mais ninguém! Sei que a culpa é minha, porque conversei sobre isso sem me lembrar que você poderia estar por perto. Mas fique sabendo que é muito feio ouvir conversas de outras pessoas, inclusive adultas e sair por aí, falando! Esqueça essa história distorcida pelo povo! Você também, Ceci! Se quando vocês crescerem ainda demonstrarem interesse, eu explicarei muitas coisas ligadas à vida espiritual. Mas nada de fantasma! Por enquanto, o que vocês, crianças, devem fazer é estudar, estudar e estudar. O conhecimento é luz que clareia a vida!

Ceci se despediu de Salma e retornou à escola, onde Zinnia já a esperava, mas sequer percebeu que a neta, em vez da sala de aula, estava na rua com o coleguinha. Ceci sentou-se junto dela e ficou, novamente, em silêncio. Momentos depois Zinnia perguntou:

- O que se passa com você, que agora deu para ficar calada o tempo todo?

- Estou pensando vovó, se a minha mãe virou ou não, um fantasma, depois que morreu!

- Que conversa é essa, Ceci? Sua mãe está no céu! Ela era cheia de bondade para com todas as pessoas.

- Vovó, eu já não sei em quem acreditar. Se, no lago, só morreu uma mulher, o espírito perturbado que fica fazendo medo ao povo é a minha mãe?

- Ceci, sua mãe era a melhor pessoa que eu já conheci em toda minha vida! Agora que você já sabe, pare de falar sobre isso! Que seja esta a última vez. Compreendeu?

- Compreendi, vovó Zinnia, mas eu quero saber muito sobre ela e o meu pai. Por isso, resolvi estudar para ser uma advogada. A professora me disse que o advogado estuda para saber como descobrir a verdade.

- Mas essa profissão, Ceci, é muito mais de homens do que de mulheres!

- Vovó, a senhora acha, então, que os homens são mais inteligentes do que as mulheres?

- Não, Ceci! É apenas uma impressão minha, porque lá no Paraguai, eu via mais advogados, do que advogadas. Mas você nem tem certeza do que quer! Onde já se viu uma criança, na sua idade, já saber o que deseja para o futuro?!

- Vovó Zinnia, eu não quero estudar para outra coisa. Se não for para ser advogada, não vou mais querer assistir aula!

- Santo Deus! Menina, a gente nem sempre pode ter o que quer! Nós moramos muito longe das cidades que têm esse curso. Ora, Ceci, ainda é muito cedo para pensar nisso! - falou intencionada a encerrar de vez, o assunto, mas não conseguiu:

- A senhora não me apoia? - insistiu Ceci.

- Eu até que apoiaria, embora não queira que você fique assim tão longe de mim. Mas temo por seu avô, porque a última palavra é sempre a dele! Até o dinheiro que guarda no banco, nunca me deixou saber qual é o saldo. Sei que é muito,

porque ele passou todo tempo juntando, juntando... Mas deixe para pensar nisso depois, porque ainda falta muito tempo!

- Nem tanto, porque eu já estou com dez anos!

- O futuro, Ceci, como diz o povo daqui, a Deus pertence. Chegaram à casa.